



*Publicação da  
"Revista Literatura"*

# GRITO,

LOGO  
EXISTO!

**NILTO MACIEL**  
(organizador)

poesia-protesto

## REVISTA LITERATURA

Mais uma revista? Sim. Mas com modéstia. Não imaginamos milhares de leitores. Nem os aplausos de todos. Também não nos sentimos descobridores de nada, nem pioneiros, nem iluminados. Em 1947 já houve uma revista denominada Literatura.

Temos objetivos claros. O primeiro deles é falar de livros. Principalmente dos bons livros fora do mercado. Aqueles que dificilmente aparecem nas listas dos mais vendidos. Não que sejamos contra o mercado editorial. Se o fôssemos, não existiríamos. Fazemos parte deste mercado.

Queremos publicar a revista e também livros. Como este. Tudo em cooperativa.

**ALMA GENTIL**  
(*novos sonetos de amor*)

A revista *Literatura* editará o livro *Alma Gentil (novos sonetos de amor)*. Cada poeta deve enviar o mínimo de três sonetos, para seleção. Serão selecionados cerca de 30 poetas. Ou 90 sonetos. Aceitam-se sonetos clássicos ou não. Inclui-se sem rima, sem divisão em quartetos e tercetos. A única exigência é terem 14 versos decassílabos.

Tudo em duas vias, inclusive as bio-bibliografias.

Será feita ampla divulgação da coletânea na revista.

Escrever para o endereço da revista, em Brasília.

**PARTICIPAM DESTE VOLUME:**

**Alessandra Ribeiro**  
**Clóvis Moura**  
**Eno Teodoro Wanke**  
**Ierecê Barbosa Monteiro**  
**Iraci do Nascimento e Silva**  
**Ivanira de Souza Lima Dadalt**  
**Izacyl Guimarães Ferreira**  
**J. Cardias**  
**Joanyr de Oliveira**  
**Jorge Amâncio**  
**Leontino Filho**  
**Nilto Maciel**  
**Renata Pallottini**  
**Rubervam du Nascimento**  
**Sônia Carolina**  
**Sônia Cintra**

**GRITO,  
LOGO  
EXISTO!**



**NILTO MACIEL**  
(organizador)

**GRITO,  
LOGO  
EXISTO!**

**poesia-protesto**

Publicação da  
REVISTA LITERATURA  
1992

**CAPA (LAY-OUT): Silvio Ferigato**

**COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO:**

**GRÁFICA  
SCORTECCI**

Rua Teodoro Sampaio, 1704 - Loja 16 - Pinheiros  
CEP 05406 - São Paulo - SP - Tel.: (011) 210 1179  
JS 1206 - Maio de 1992 - 1a. edição



## APRESENTAÇÃO

A eleição do título e do sub-título desta coletânea antecedeu a seleção dos poemas. Alguns poetas foram convidados a participar de um projeto literário que reuniria poemas de protesto político e social. Isto ficou bem claro.

A poesia dita panfletária sempre teve má fama. Poeta panfletário sempre foi a puta da literatura. Todo mundo fala mal dele, cochicha quando ele passa, ri baixinho. Mas puta quase todo mundo deseja, conhece e ama. Embora alguns o neguem. Vão às escondidas às suas camas. Porque elas são as mulheres mais belas e gostosas. Assim também deve acontecer com a poesia panfletária. Mesmo o mais reles, vulgar. Ou vulvar.

Poesia panfletária seria aquela que está mais para o panfleto que para a poesia. Simples grito, protesto, panfleto revolucionário.

Maiakovski é o exemplo moderno do poeta contestador, revolucionário. Seu socialismo puro vaticinava:

“Come ananás, mastiga perdiz.

Teu dia está prestes, burguês.”

Apesar da recente rendição dos “comunistas” do Leste Europeu.

Em *A Rosa do Povo* Drummond falou do trivial:

“Há pouco leite no país,  
é preciso entregá-lo cedo.”

No tempo em que leiteiro entregava leite às portas das casas. Tempos de escassez de alimentos. Como hoje.

Poesia de circunstância, sem a pujança, o sangue quente, o frêmito do poeta russo. De qualquer forma, tudo protesto, grito de vida, pela vida.

Não é, pois, novidade e muito menos vergonhoso escrever poesia-protesto. Basta que seja poesia. E poeta também escreve porque não agüenta ficar calado, passivo. Claro que poesia é também silêncio, mudez, contemplação.

Há aqui versos que podem e devem ser qualificados de panfletários. Com certeza seus autores se sentirão orgulhosos disso. A maioria, porém, é poesia-protesto, sim, revolucionária, no sentido político do termo, sem no entanto perder o tônus poético, como nos melhores exemplos da poesia engajada ( o termo anda fora de moda ).

Saudemos, pois, os poetas que gritam, protestam, em versos, embora nem todos sejam Maiakovski ou Drummond.

A vida não está para sussurros. Muito menos para emudecimentos.

Viva o grito! Viva o protesto! Viva a poesia!

N.M.

## SUMÁRIO

Alessandra Ribeiro	9
Carlos Alberto Gramoza	12
Clóvis Moura	14
Eno Teodoro Wanke	16
Ierecê Barbosa Monteiro	21
Iraci do Nascimento e Silva	24
Ivanira de Souza Lima Dadalt	32
Izacyl Guimarães Ferreira	34
J. Cardias	36
Joanyr de Oliveira	40
Jorge Amâncio	50
Leontino Filho	58
Nilto Maciel	61
Renata Pallottini	80
Rubervam Du Nascimento	83
Sônia Carolina	91
Sônia Cintra	95



## ALESSANDRA RIBEIRO

*Nasceu no Rio de Janeiro em 22 de fevereiro de 1974. Cursa Direito na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Não tem ainda livros publicados.*

### VÍCIO

Cachinhos etéreos refletem-se na luz.  
Um branco pálido,  
suave véu que se desfaz no ar.  
Fumaça inebriante.

No seu contorno ondulado,  
anéis de alucinação formam-se  
perante olhos perdidos.

O semblante atordoado assiste ao passado  
descortinando-se num sonho nebuloso.  
Cenas remotas, já esquecidas.  
Lembranças.

Erros, talvez,  
que em meio àquele labirinto misterioso  
transformam-se em pesadelo.

O antigo retorna ao agora  
como ameaça à sanidade.  
O desespero.

Lágrimas de fogo escorrem nas faces.  
A consciência se perde,  
e cai num abismo de escuridão.

O tempo, inimigo,  
traz a dor.  
A urgência do fim enlouquece.

A essência chora,  
enquanto a carne desfalece.

Uma viagem sem retorno.

## JULGAMENTO

No palco divino  
cenas de horror seguem contínuas  
às vistas dos deuses.

Como em uma arena em lutas  
os homens, gladiadores de ódio,  
escorrem sangue, sacrificam-se.

A vida é tênue,  
e também escorrem lágrimas de pura dor.  
Anjos chorando.

A hora final se aproxima.  
Como réu, levado à corte sagrada,  
a humanidade assassina.

Acusações marcadas pelo terror:  
Sofrimento e Guerra  
Ira e Ganância.

O juiz espera por uma defesa.  
Procura o coração dos homens  
onde talvez ainda existisse poesia.  
Nada encontra, vê apenas vazio.

A alma humana,  
deteriorada e puída,  
transforma-se em prisão.

O subconsciente em conflitos  
que eternamente sofrerá na escuridão.

Culpados.

## CARLOS ALBERTO GRAMOZA

*Reside em Amarante/PI. Sócio da UBE/SP e da Associação Cultural Agostinho Neto. Tem participado de antologias de poesia a nível nacional.*

### POEMA URGENTE

Minguam as entranhas dos rios  
minguam os que vivem delas  
minguam os seus peixes...  
atingem as entranhas dos mares  
os que vivem nelas  
os que vivem delas.  
Atingem o ar  
atingem o espaço  
e os que vivem deles.

O homem atinge-se.



Entrevejo o Parnaíba  
o Canindé o Mulato,  
que ora se espreguiçando  
ora furiosas enxurradas —  
me viram nascer, crescer  
e estar na que estou.  
E já viram muitos morrerem.  
Me verão? ou não ou nos veremos?  
Se existe ainda uma solução,  
cós mica solução,  
eu não sei onde há lugar  
em mim pra ela e neles.  
Sem mais tardar, se ela souber,  
se ela existir ainda,  
ocupá-lo venha.  
Bem-vinda seja nesse espaço.

## CLÓVIS MOURA

Nasceu em Amarante/PI em 1928. Especializou-se em relações inter-étnicas e produziu uma obra de quase vinte livros, destacando-se entre eles: *Rebeliões da Senzala*, *Sociologia do Negro Brasileiro*, *A Sociologia Posta em Questão*, *Sociologia de la Praxis*, *Introdução ao Pensamento de Euclides da Cunha*, *As Injustiças de Clio* e inúmeros outros. No campo da poesia publicou *Espantalho na Feira*, *Argila da Memória*, *Âncora no Planalto*, *Manequins Corcundas e História de João da Silva*.

*Considera-se fundamentalmente poeta, achando que sua atividade como sociólogo é prolongamento de sua poesia. Atualmente colabora em várias publicações literárias e científicas no Brasil e no Exterior. É um dos coordenadores do Projeto Arqueológico Palmares, que está sendo implantado em Alagoas com o apoio da Universidade Estadual de Illinois (EUA) e do Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas.*

### O FANTASMA DE MAIACOVSKI

Na perspectiva Nevski  
anda um fantasma na neve:  
ao lado esquerdo um buraco  
deixa à mostra o coração  
e algumas costelas brancas  
desabrocham do roupão.  
É um fantasma de gigante  
que procura a direção  
no horizonte espavorido,  
roxo dos longos gemidos  
que partem da escuridão.

Há na noite moscovita  
um céu de chumbo atolado  
nas abóbadas das casas.  
Seu coração vem gelado  
sangrar na lama da rua  
(lado esquerdo que flutua)  
enquanto o espaço se esvai.  
O fantasma de um defunto  
caminha: dizem que tinha

repentes descomunais:  
gritava pelas encostas  
da Rússia versos de estrelas,  
mensagens monumentais.

Por Vladimir foi um dia  
batizado; o sobrenome  
Maiacovski espelhava  
o seu porte de oceano.  
Hoje o fantasma que estamos  
vendo andar já não mais canta:  
o seu peito foi cortado  
por um trapo de relâmpago.

Quem teria dado o tiro  
que matou nosso gigante?  
Na neve o sangue que pinga  
do coração do poeta  
escreve letras de estanho  
como bocas entreabertas.  
Sua capa está molhada  
pela garoa dos mortos:  
Essenin também viaja  
sentado no tombadilho  
da belonave que ancora  
na dor de todos os portos.

Maiacovski na neve  
tem o seu grito aparado  
pelas mãos da lua nova  
que espera a volta do morto.  
Dizem que um tiro lançado  
ao coração do poeta  
levou seu corpo molhado  
para o odor de uma outra meta.

Viajou com os olhos doces  
olhando a vida de perto.  
Hoje caminha na noite  
um fantasma de alto porte  
que tem os olhos abertos.

## ENO TEODORO WANKE

*Nasceu em Ponta Grossa/PR, em 23 de junho de 1929. É poeta, contista, biógrafo, ensaísta literário, lexicólogo, trovólogo, tradutor, frasista (criou os clecs), estudioso da ortografia e da língua brasileira, folclorista...*

*Seus títulos publicados ultrapassam os quatrocentos, sendo autor do soneto "Apelo", traduzido para mais de cem línguas e dialetos. Seus sonetos completos foram, recentemente, reunidos em dois livros: O Acendedor de Sonetos e Alma do Século, editados pela Editora Codpoe, em 1991. De Alma do Século são os sonetos aqui reproduzidos.*

*Sua produção literária e sua biografia foram analisadas no livro Eno Teodoro Wanke, sua Vida e sua Obra, por Therezinha Radetic (Editora Codpoe, 1991).*

### APELO

Eu venho da lição dos tempos idos  
e vejo a guerra no horizonte armada.  
Será que os homens bons não fazem nada?  
Será que não me prestarão ouvidos?

Eu vejo a humanidade manejada  
em prol dos interesses corrompidos.  
É mister acabar com esta espada  
suspensa sobre os lares oprimidos!

É preciso ganhar maturidade  
no fomento da paz e da verdade,  
na supressão do mal e da loucura...

Que a estrutura econômica da guerra  
se faça em pó! — E que reinem sobre a Terra  
os frutos do trabalho e da fartura!

## GÁS

Aqueles que quiseram respirar  
e encheram seus pulmões do miasma forte  
do gás letal, do horrível gás da morte,  
tossindo sem parar até parar...

Aqueles que sentiram quando o ar  
se transformou no alfanje, o duro corte  
que faz com que uma vida em flor se aborte  
em dor, espasmo e dor, horrendo esgar...

Aqueles que morreram de tortura,  
as vítimas do horror que há no poder  
quando o poder insiste em ser loucura...

Aqueles que sofreram pelo gás,  
tossindo sem parar até morrer...  
... aqueles nos suplicam que haja paz!

## A VELHA MENDIGA

A velha esfarrapada se envolveu  
na noite, encolhidinha junto à porta  
fechada — e tem o olhar de quem suporta  
seu fim de vida como quem morreu...

E tosse muito, enquanto chove. O seu  
abrigo não protege. Quem se importa?  
(No fundo dos seus olhos, jaz a morta  
imagem de uma rosa que viveu.)

Talvez já tenha sido prostituta  
e visto coisas de arrepiar, na luta  
intérmina de conquistar seu pão...

Porém, a noite é fria. A chuva cai,  
a velha sofre, e tosse muito, e vai  
passar mais uma noite feita um cão.

## O PAI OPERÁRIO

Quando nasce o filhinho do operário  
o pai suspira um ar pesado e rouco,  
pensando no salário, magro e pouco,  
pensando no seu mínimo salário...

A mãe sorri, feliz, no extraordinário  
amor pelo serzinho dorminhoco...  
Porém o pai, entristecido, em troco,  
não pode se esquecer do seu fadário.

O leite a quanto está? Meu Deus, então  
mais um para se alimentar de pão? ...  
Por que é que foi nascer? Falta de sorte....

Devia estar contente, pois é pai...  
Porém, caminha cabisbaixo. Vai  
se embriagar. A vida é mãe da morte.

## A CHEGADA DOS RETIRANTES

Escorraçados do Norte  
chegaram os nordestinos,  
sem alentos, sem destinos,  
amontoados num transporte.

Viajaram demais. A morte  
levou os mais pequeninos.  
— Quem sabe os outros meninos,  
— quem sabe? — tenham mais sorte?

A cidade grande assusta  
embora pareça justa  
tão bela e cheia de luz...

Mas logo a linda esperança  
se esvai... A cidade avança  
e os prega, vivos, na cruz!



## IERECÊ BARBOSA MONTEIRO

*Jornalista e relações públicas, é autora do livro de poesia Sonho de Papel (1987) e Pingos de Ternura (1989). Figura em várias antologias a nível nacional.*

### CENÁRIO AMAZÔNICO

Um homem de fósforo e sangue  
Perseguido pela fome  
Ganha do rei uma hiena enfurecida  
As árvores viram geléias  
O rugido gira em torno de si  
Um absurdo presente  
Um olhar lúcido e louco  
Dos que dão a vida  
À terrível e eterna fumaça  
Os gritos de amor morto  
As vozes não ouvidas das artes  
Se imbricam aos gemidos das árvores  
Caem em solo artificial  
Pelotões crianças  
Antes de se deteriorar.

## SÍNDROME DE APOSENTADO

Grito no vazio  
Mas grito  
Como ser, se não sou?  
Ontem, fiz de metais encantos  
Hoje, nada se faz  
Por mim, por tantos.

No anônimo quarto  
Assisto a chuva  
Durmo-desperto  
Um manto roto me cobre  
Carente de tudo  
Acordo mais pobre.

Sou anti-herói  
E vejo,  
Tão perto,  
A modernidade, bem sei  
Minha vida já fria  
Onde foi que eu errei?

## RECEITA

Em tempos de crise  
Ponha na centrífuga:  
2 xícaras de sonho  
1 colher de fantasia  
1 dúzia de estrelas  
3 copos de chuva  
Consciência do mundo (a gosto)  
Aperte o botão:  
Suco natural de esperança.

Obs: sem efeito no Brasil.

## ALTERNATIVAS

Não vês os saltos do dólar  
As tentativas vãs dos sonhadores  
A hiperinflação  
A recessão a galope  
Então,  
Sopras o furacão neurótico  
Despachas o trem da violência  
Amarras o corpo no meu  
Ouves o que não existe  
Que eu volto a ser criança.

## IRACI DO NASCIMENTO E SILVA

*Nasceu em Natividade/RJ. Pertence à União Brasileira de Trovadores, à International Writers Association da Universidade de Colorado (EUA), à Academia Petropolitana de Poesia "Raul de Leoni", à Academia Petropolitana de Letras, à ABRART etc. Participou de diversas antologias. Reside atualmente no Rio de Janeiro.*

... O ECO?

Grito... Nada. Ninguém me socorre!  
O vento revolve meus cabelos soprando coisas que  
mal entendo...  
Um vendaval me cobriu de areia, de cisco, e lama...  
Descabelada e suja, tenho na cabeça  
uma coroa de folhas secas...  
GRITO!  
Meu grito sem eco, desmaia no intransponível ou  
fragmenta-se nas encruzilhadas...  
GRITO!  
Ah! se eu pudesse receber no E C O  
a resposta dos meus gritos!  
Ai... Estou sangrando... — Se ao menos eu pudesse ver  
a esperança refletida na face da  
Lua Negra!  
Ai... Se eu existo, quem beijará minha cara suja de  
MENINA DE RUA?  
Acudam-me!  
EU QUERO SER...

## AO DEUS DESCONHECIDO

*Tudo é incerto e verdadeiro.*

*Tudo é disperso, nada é inteiro.*

Fernando Pessoa

## CONTRA-LUZ

Nascer... Multiplicar... para, afinal, morrer?

— não será, dar-à-luz, dos males, o pior?

— E DEUS será bom Pai se nega, a todo ser,  
da eternidade, o dom — sua herança melhor?

Dizem-n'O Grande e Justo. — É mais prudente crer...

Se a “centelha” da LUZ pretende ser maior,  
e enfrenta a eternidade, e a morte quer vencer,  
dissolve a pretensão em lágrima e suor...

Pois se o filho-de-barro a inteligência externa,  
lá, na sua humildade, ele só cresce quando  
a sua pequenez se rende à LUZ-ETERNA...

Mas... na luta exaustiva, em seus laboratórios,  
de passo a passo, o espaço, o homem segue ampliando  
entre a vida no berço, e o pranto nos velórios!

LITANIA DA ESTRELA  
(fragmentos do poema)

ESTRELA-da-MANHÃ  
envolve no Teu manto azul nosso Planeta  
de barro!

Sobre nossas cabeças pode escorrer o Sol  
pelos buracos negros...  
Sob nossos pés  
a cobiça desvairada sepultou o Anjo-da-Paz...  
Nossos pulmões queimam a vida respirando  
poluição e lixo atomizado...

SENHORA NOSSA!

Piedade para os Cientistas que decidem no cérebro  
a cura e a destruição...  
Piedade para a criança e o viciado — as vítimas  
inconscientes da sociedade moderna...  
Piedade para os idosos — penalizados pelo crime  
de acumularem experiências...  
Piedade para o fogo, a terra, o ar, a água,  
o vermelho, o azul, o amarelo, o branco...  
Piedade para a pomba, a fera, o peixe, a flor,  
a esperança.. o sonho...  
Piedade para o amor — que delira programado pela  
luxúria para perverter a família...

Ó FLOR-MÃE! ... Sobre todas as coisas,  
Piedade para a Poesia — fonte de sonho a fluir lama  
na canção desesperada dos Poetas...  
FLOR-MÃE... SENHORA-NOSSA... ESTRELA-da-MANHÃ...  
Tem piedade de nós!

## SER

Em silêncio, ELE cria à luz do pensamento...  
– Mas, sei que a Voz de Deus na minha voz ressoa...  
Da luz retira a cor que tinge o Firmamento,  
das estrelas ao mar... dos vulcões à lagoa...  
O DEUS – a MATER-LUZ – se oculta ante o tormento  
que nos torce ou modela – embora a dor LHE doa...  
– Mas, se apelos LHE vão pelo arrependimento,  
compassivo, aparece... – E logo nos perdoa!  
Seja “Sagrado Pai”... Ou seja “Luz Materna”,  
sem forma, sexo, ou cor, seu nome é indiferente...  
– Sem peso, o etéreo SER levita, onipresente...  
E, ao inventar o amor, a vida fez-se eterna...  
pois quando o amor palpita, a MAGA-INTELIGÊNCIA  
transmite, ao ser criado, espírito, alma, essência!

## SERPENTE

No princípio, era o caos. Deus seja, pois, louvado  
pela luz, pela terra, a água, o sol, a cor...  
– Depois, na solidão de um cenário encantado,  
pelo homem – gerado à imagem do SENHOR.  
E foi criado o amor... E o desejo inventado...  
E, no ápice da glória, o GÊNIO-CRIADOR  
esculpiu a mulher – o sonho mais ousado...  
... E fez, para a mulher, o castigo da dor!  
Tudo foi inventado e teve o seu lugar...  
E nesse Paraíso, a existência do – “NÃO”!  
confundi-se à MAÇÃ – na relação de amar...  
Mas... se a frágil mulher – o berço da SERPENTE –  
num apelo do amor chegou à conjunção,  
oh! ... não pecou sozinha, a eterna penitente!



## REZA (II)

Senhor que estás no Céu! Rendo-te graça  
pelo que, a mim, me deste de ventura,  
pela vida de encantos, tão sem jaça,  
pelo meu lar tranqüilo e de fartura...  
Mas Teu poder, meu Pai, que em tudo passa,  
um coração legou à criatura...  
Não... Não posso sorrir vendo a desgraça  
— que a falta alheia, causa-me tortura.  
Tenho meus filhos fortes, bem cuidados,  
e vejo os outros — filhos Teus, também,  
pelas ruas vagando, abandonados!  
Hoje eu prometo — ó DEUS! — fazer passar  
para o lar infeliz, que nada tem,  
um pouco do que tenho no meu lar.

## REZA (I)

Temos fartas razões para louvar a vida  
sempre que ela nos dá saúde, paz, bonança,  
além da proteção à prole estremeçada:  
– verdes ramos em flor, crescendo em segurança.  
Mas, quem vai ser feliz, nessa estrada florida,  
onde, ó DEUS! por contraste, há sempre uma criança  
sem afeto, sem lar que, de mão estendida,  
implora, além do pão, uns trapos de esperança?  
Sua presença agride... Órfão de amor, com fome,  
na fase de sonhar, na idade do brinquedo,  
em total abandono, ela cresce por medo!  
Ela passa por nós sem número, sem nome,  
e deixa, na poeira, a grave acusação:  
– SE VIVER NÃO É CRIME, EXIJO PROTEÇÃO!

## CRÔNICA DO MÊS

A “cultura” me empurrou p’ra rua, em Ipanema.  
Mergulhei numa onda de poluição olfato-visual...

— (... pega... pega... —Políiii -ci-aaa! ...)

Subliminarizados farejavam bebidas, bombons e  
“camisinhas” resistentes e macias...

— ( — Seu Guarda, segura o “pivete”! ...)

“Feliz Natal”... “Boas Festas”... só nos postais  
dos “camelôs” — os donos das calçadas...

— (... Tu põe nome, endereço... E “manda”!  
o pessoal vão ficar “amarradão”! )

Dos corações das TVs explodiam “tapas e beijos” ...

— (... Dólares, eu? ! ... Ai, ai, ai...)

... E lá se foi, no “arrastão”, a “grana”, assim,  
“deste tamaninho”, e um pacotinho de pipocas...  
Do alto de uma cobertura, uma “estrela-de-rabo”  
iluminava um anúncio de “Spray desodorant”...

E T A E C O L O G I A !

## IVANIRA DE SOUZA LIMA DADALT

*Licenciada em Letras Clássicas e Pedagogia, recebeu prêmios de publicação nas antologias O Amor na Literatura (1991), da Litteris Editora-RJ e Poetas Brasileiros de Hoje (1989 a 1991) da Shogun Editora-RJ.*

*Participou de vinte antologias e foi incluída no Dicionário de Poetas Contemporâneos, 2a. edição, 1991, da Oficina Cadernos de Poesia-RJ, organizado por Francisco Igreja Gonçalves.*

### A NOVA ERA

O poeta está distante e calado.  
Em que pensa ele?  
Por que está taciturno?  
Absorto no seu cismar,  
o poeta mentaliza nova era:  
sem desastres ecológicos,  
sem mísseis atômicos,  
sem lixo industrial e radioativo,  
sem fobias e desesperos existenciais.  
Lá, a natureza é um santuário,  
os direitos humanos são respeitados  
e a paz mundial não é quimera.

A esperança dá novo alento ao poeta:  
ele sorri e namora as estrelas do céu...

## ANO NOVO

Finda mais um ano.  
Dos sonhos só cinzas.  
Nos corações mil expectativas.  
Haverá luz no túnel escuro?  
A vida renovará rumos e metas?  
O homem estenderá a mão ao próximo?  
Os inimigos se reconciliarão?  
Haverá finalmente paz no mundo?  
Multiplicam-se as dúvidas e os medos...  
Ano Novo: esfinge de pedra...

## O CRISTO REDENTOR

A madrugada carioca  
acordou fremente de cólera:  
desolação para o Cristo  
de Paul Landowski  
e Heitor da Silva Costa!  
Cinco anos de construção,  
minutos de pichação!  
O TEMPORA, O MORES!  
Como dói, meu Deus,  
esse tempo de vandalismo!

## IZACYL GUIMARÃES FERREIRA

*Nasceu no Rio de Janeiro e mora em São Paulo, tendo vivido vários anos fora do país. Entre 1953 e 1991 publicou nove livros de poesia: Os Endereços, A Curto Prazo, Iniciação, Os Fatos Fictícios (título que reúne os três anteriores e quatro inéditos até então, a saber: Escalas, Declaração de Bens, Retrato Falado e Em Outras Palavras), Aula Mínima e Memória da Guerra.*

*Traduziu os espanhóis Antonio Machado, Jorge Guillén e Pedro Salinas, além dos uruguaios Amanda Berenguer e Washington Benavides, cujas antologias bilingües devem aparecer em breve, precedidas de ensaios críticos de apresentação.*

*Trabalhou com publicidade, televisão e vídeo, no Brasil e no exterior. De 1984 a 1989, dirigiu o Instituto de Cultura mantido pelo Itamaraty em Montevideú.*

*O poema incluído nesta antologia integra livro a ser editado em 1992.*

### DESSE LADO DA MORTE

Abancado na sua escrivaninha  
da Rua Lopes Chaves em São Paulo,  
há muitíssimos anos, o poeta  
Mário de Andrade pensa no Amazonas,  
num homem só que vai adormecer  
na escuridão da floresta, que olhando  
a noite vai sonhar na mesma língua,  
esse homem brasileiro que nem ele.

Abancado na minha escrivaninha  
de uma rua de Pinheiros, São Paulo,  
penso num homem aprendendo a ler  
na imensidão da floresta, sozinho.  
Imagino esse homem descobrindo  
os segredos da letra e do trabalho,  
um homem ensinando a outros homens  
os segredos da planta e do planeta.

Abancado na minha escrivadinha  
adivinho ruídos pela mata,  
penso no seringueiro que mataram  
na escuridão da floresta, no Acre,  
nesse homem que sabia e nos disse  
que um dia ele seria morto lá,  
na solidão do Xapuri, no Acre,  
no chão de seu quintal que agora é o nosso.

Abancados nas mil escrivadinhas  
de teclados, repórteres do sul  
aprendem onde fica a Xapuri  
de Chico Mendes, cidadão do mundo.  
Enquanto o assassino da floresta,  
confesso e condenado fazendeiro,  
passeia sem receio na cidade.  
(Matar será mais fácil que morrer? )

Abancado na bela escrivadinha  
da esplanada de Brasília o ministro  
pondera sobre as mortes avisadas.  
São seringueiros e sindicalistas,  
morrendo nos quintais de meu país,  
nas praças, nas soleiras, nos salões.  
As claras, em tocaias, um a um.  
(Matar será mais fácil que esquecer? )

Abancado na minha escrivadinha  
penso nos brasileiros como eu,  
desarmados, desarvorados, soltos  
no ar inóspito desse país.  
(Matar será mais fácil que escrever? )  
Penso se há multidões de Chico Mendes,  
se um dia a morte mudará de lado,  
se morrer é mais fácil que matar.

## J. CARDIAS

*Nasceu carioca em 1953. Seu pai, campista, e sua mãe, de Manaus, com ascendência cearense.*

*Tem algumas participações em antologias, por premiação e em sistema de cooperativa. Publicou três livros: Gira de Poesias (1989), Maria e Outros Poemas e Há Angústia pelo Embuste (1991). Da premiação dos Cem Anos da Melhoramentos, o Ninho de Poesias (1991), um infanto-juvenil no tema ecologia. Dos prêmios mais recentes, recebeu a menção honrosa com o poema "Vertigem Carioca", no Concurso Stanislaw Ponte Preta, da Secretaria Municipal da Cultura do Rio de Janeiro, e menção especial, com o livro Quase Hai-cais, no Prêmio Jorge de Lima de Poesia.*

### EM LEGÍTIMA DEFESA

Da garganta às vísceras  
(nunca fora pança! )  
água salobra.  
Pão, quando se tem, mingüado.  
Mulher, filhos e ainda desempregado.  
— Um não!  
Milhões de abandonados  
desesperados  
amargurados  
acuados.  
Da cozinha vazia  
a faca, foice, forca,  
"fé-amolada" — imolar-se!  
Amolar.



A faca na mão,  
a cozinha vazia  
o olho magro do filho  
a mulher parindo,  
o centavo  
subdividido  
cruzeiro, cruzado confiscado.  
Cruzar o mar  
em braço-remo,  
respirar poeira,  
cego, cegueira,  
sem-eira-nem-beira.  
Menino-David, uma atiradeira;  
homem-daqui, uma peixeira.  
Acerto de contas,  
na prova real,  
sem noves-fora, sem financeiras.  
Repente na rampa,  
sobe-desce, desce-sobe.  
Na faca, na mão  
coração de João, Maria,  
Raimundo, Das Dores,  
repente repete.

## REVOLUÇÃO

Há que se gritar,  
guitar!  
guitar!  
guitar!  
GRITAR!

E que se grite  
um aqui  
outro lá  
e acolá  
como galos  
mais  
que não há.

Gritar  
aos gritos  
o grito  
grunhido  
ungido,  
pois gemidos  
não são ouvidos.

Gritar  
com os olhos  
com as mãos  
quando a voz faltar!

Gritar  
com os punhos,  
rasgando  
da alma  
os rascunhos.

Gritar!  
Até chocar  
até chorar.

Gritar um mar.

Gritar!

Gravar  
o grito  
no eco  
d'um circo.

Crivar  
um tiro  
c'um grito.

Gritar o grito  
'inda que seja  
o último dito!

Gritar!

## JOANYR DE OLIVEIRA

*Nasceu em Aimorés/MG, em 6 de dezembro de 1933. Na Escola Teixeira Soares e no Grupo Escolar Machado de Assis escreveu os primeiros versos.*

*Organizou o primeiro livro editado na nova capital federal: Poetas de Brasília, 1962. Publicou outras quatro coletâneas.*

*Tem contos e poemas em antologias editadas no Brasil e no exterior. Tem editados treze livros: Minha Lira, Cantares, O Grito Submerso, Casulos do Silêncio, Soberanas Mitologias, A Cidade do Medo, O Horizonte e as Setas (com Anderson Braga Horta, Izidoro Soler Guelman e Elza Caravana), todos de poesia, e ainda Entre os Vivos e os Mortos e Caminhos do Amor, de prosa, entre outros.*

### LIBERDADE

*Os pássaros que cantam,  
meus espíritos são,  
[ que a voz levantam...*

*Camões. Canção III.*

**Jamais enjalei um pássaro.**

**Em singelezas suburbanas  
no silêncio de minha casa,  
desde cedo pude apreender  
em um homem justo e puro  
e do mais humilde coração  
o que Liberdade vem a ser:  
suprema conquista da vida.**

BRASIL 1991

*A Nilto Maciel*

O nome Brasil rasgado  
por mãos de lobos  
por longos caninos  
por sinfonias enlouquecidas  
em matilhas e escárnios.

O nome Brasil adoecido em gargantas  
de aves malignas oriundas  
das sombras  
dos podres subterrâneos  
das lagoas da Morte.

O nome Brasil corroído  
pela torpeza de abutres  
por vorazes tentáculos.  
(Como ferem e esmaecem  
as letras banhadas desde cedo  
nos périplos de nosso sangue! )

As trêmulas bocas  
desaguam seus pavores  
sua sequidão  
pelas ruas do pânico.

As mais áureas cadeiras  
as mais altas vozes  
são barro e abismo  
às legiões em sonhos.

O nome Brasil perde  
o verde e o ouro  
os rios e o sol  
nos ventres desvairados.

Línguas de ruminantes  
a flutuar sobre  
natimortos e horrores.

O nome Brasil palpita no fel e na noite  
(loba a soluçar por filhotes  
esquálidos sugados  
pela insanidade dos ventos).

O nome Brasil — ave alvejada  
em ninho descoberto  
por infernais mandíbulas  
por nédias mãos ocultas  
por baús de corsários palacianos  
— a debruçar-se em prantos.

O nome Brasil  
(impaciência em chamas)  
no macerado rosto dos homens  
no tremor das flores e veredas.

## RENDIÇÃO

Meus filhos: estamos perdendo  
a guerra...  
Os heróis da Pátria  
(indiferentes à escuridão  
de agora)  
ressonam  
em turvas bibliotecas.

Milicianos e civilistas  
conspiram  
juntos  
tripudiando  
sobre as velhas  
bandeiras  
venerandas.

Acorrentam  
o anelo de viver  
dos pequeninos  
congestionando  
de ouro  
as vísceras dos nédios descendentes.

Os justos emigram  
disfarçados  
de freiras e condores.  
Os pobres meninos  
(sorrisos cariados)  
se aninham no pó  
às vésperas de holocaustos.

Os pósteros deuses  
(alegria do povo)  
sem auréolas ou tronos  
são lamúrias.

A ultrajada pureza  
outrora emblema  
se enrosca nas raízes  
mais profundas.

## II

Os abutres vestem  
solenes faixas  
condecoram-se  
e comparecem  
aos parlatórios e ao vídeo  
(a dardejar cinismos)  
e escarnecem dos féretros  
a conduzir os frágeis  
e a esperança.  
Trituram nossas cores  
os cantares e as vértebras.  
Desnorteiam —  
vorazes ladinos em magias.



Assim o necrológio da Pátria  
se elabora  
dos mais altos degraus  
– e impunemente.  
Por conseguinte os mastros  
(constrangidos)  
desfraldam soluços  
ante as baionetas  
verdes  
perturbadas  
pelas invisíveis infantarias  
a fulminar-nos  
o rosto  
dos côncavos domicílios  
dos demônios.

Vamos perdendo a guerra  
meus filhos  
vamos perdendo a guerra  
minados  
pelas pétreas mandíbulas  
pelas pestilências e gulas  
palacianas.

## AS VÍBORAS DO NORTE

*A Napoleão Valadares*

Entre  
os esquimós e os astecas  
no  
sólido país  
da Ku Klux Klan  
transbordo  
solidário  
sorriso  
nos lábios vultosos  
e no verbo  
de Martin Luther King Júnior  
e no rosto de lenhador  
de Abraham Lincoln  
herdeiros do cerco  
das pontas  
do ódio  
pontas  
aguçadas  
na medula e na alma.

Meu libelo galopa.

Suas bridas  
friccionam

o chão dos sepulcros  
ossaturas

negras

soterradas  
no ultraje  
e no barro

em fardos

de legiões ululantes

contra

a espezinhada  
epiderme.

Sobre símbolos e praças

o meu sorrir alça vôo  
às estrelas

aos sermões

do tranfigurado  
do transpassado

carpinteiro

semeando anátemas  
nos nomes  
nas manoplas  
liberticidas.

Ao norte deste planeta  
a fina língua do inverno  
denuncia  
os cascos  
de Mefistófeles

embutidos  
nos sapatos  
denuncia  
os caninos  
tridênteos

camuflados  
entre sujas hallelujahs  
e hinários.

Policromias  
(hipocrisias)

exaltam

os altivos altares

onde Martin  
o pastor

e suas turvas ovelhas

morreriam sem voz.

Por aqui igualmente passou

exangue

Abraham Lincoln

entre ruivas matilhas

arianas serpentes.

Os carvalhos

nos ombros

do lenhador

foram menos brasa que os muros

— as fúrias

de um velha raça

de víboras.

## JORGE AMÂNCIO

*Nasceu no Rio de Janeiro. Vive em Brasília desde 1977. Militante de movimentos negros, leciona Física. Tem algumas publicações esparsas. É membro do Sindicato dos Escritores do Distrito Federal.*

### YA NO MANI

Cavalgando labaredas de chumbo e sarampo  
gripando as árvores sem seringas  
extraídas de suas feridas  
aguadas pela expressão  
do tempo coloquial  
o poder

Yanomani  
dissipados pela fome  
corrompidos pelo vento.

## NEGRO LINDO CRISTAL

Encontre a liberdade  
onde os homens rebeldes de medo  
transcedam a luz  
&comam fogo pelas narinas sedentas de mata

Quebre os grilhões da utopia  
Cuspa na cara dos poderosos  
Encare o solo  
Beije a luz, mostre a sua cor.

Aprisione o som criador  
com as sete flechas do poder  
das sete igrejas de Elfos  
das sete dores de Satanás  
das sete paradas para o Inferno

Sublime, ávido, deixe a luz entrar

Moleque Safado  
Negro Neguinho Tição  
Negro Cristal

## O EXTERMINADOR

Bandeiras em pontas de lança.  
Punhais em mãos brancas.  
Europa em Terra-brasis.

Meus filhos não serão alijados  
banidos exilados favelados  
correrão livres absorvendo o sol  
terão cor ébano, polidos pelo chicote.  
Minhas cicatrizes em alto relevo  
tatuarão a história de uma raça  
contribuirão para a quebra dos grilhões  
libertarão um povo de tutela.

Teu governo paternal.  
Teu parlamento europeu.  
Tua fundação afundada.  
Tua ideologia fracassada.

Exterminador suicida.  
Cavaste tua sepultura  
foste o coveiro de tua ideologia  
dominado pelas tuas injúrias.  
Teu direito à morte está a teu lado  
morto pelo desespero do poder.  
Tua raça de domínio, exterminou-o quanto homem  
serás o abutre, alimentando-se de Prometeu.  
O fogo que jorrará de teus olhos  
cegará teus filhos  
quais poderosos, cairão feito colosso aos pés da igualdade.

Tua raça sobreviverá e verá a minha triunfar.



TOLO ZERO – OTÁRIO  
ENTRE AS CANÇÕES NÃO COMPOSTAS

– Queres me beijar?  
beije a tola situação  
que princesa interina  
rasgou minha alforria  
cantou minha liberdade

teu pinico  
suporta o cocô  
jogado na cara  
enquanto o demoníaco  
esmurra a cor  
canta a negritude  
Veste-se de Cristal

Patético, Incrédulo, Poético

tire essa roupa tola  
e rasgue-a nos mangues  
destroçando a incredibilidade

## MALUNGOS

Teu choro cor de Zanga  
pariu do corpo a dor  
Misturou-se sangue e terra  
                    ódio e paz  
                    amor e guerra

Viste o sofrimento de um povo  
o lamento do cativo  
a hora de liberdade voar

O que teus olhos viram  
teu corpo pariu  
as cicatrizes, o sangue,  
o extermínio, as lágrimas  
fecundaram teu corpo  
em gestos cor e poesia

O abstrato se concretizou  
materializou-se na cor.

Os rebentos, ainda rebeldes  
colhem flores políticas  
beijam mãos religiosas  
cantam hinos libertinos.

O que teus olhos viram  
teu corpo pariu.

Êta negro safado  
um novo tarado  
pancada ao toco  
mulher, o troco

Êta negro safado  
— Olha a lua  
Negro de rua  
— Fecha o trânsito  
Tranca — Rua

Êta negro safado  
que fica calado  
de lado a tudo  
sem conteúdo.

Êta negro safado  
— Entra pelos fundos  
elevador de serviço  
— Um sorriso  
Sim doutor.

Êta negro safado  
de arma em punho  
— é um assalto!  
de dentes cerrados  
— é uma arma!  
de pernas longas  
— é a polícia!

## ANTÍFONA

I  
Acorrentados pelo sabor das ondas  
os vegetais apodrecem na fruteira  
adormecida sobre a mesa da sala

Germes de todos os tamanhos  
passeavam sobre os corpos  
inundados por jatos d'água.

Toques morseanos  
misturavam-se com gemidos  
e um bezerro solitário  
não tinha dono na savana.

Morcegos banquetavam  
com os cortes nos pulsos e pernas  
e um sono inquieto pelas ondas

Enjoados pelo mar  
sufocados pelos vômitos verde  
morriam engasgados de fome.

## II

Não há luta onde as crenças, línguas e culturas  
misturam-se feito lixo no saco  
identificando-se pela cor  
A vontade de comer bananas  
para não gritar de dor  
vem das entranhas, sob o comando de Ogum.

## III

Terra firme  
Animal preso e cativo  
Sem terra, sem nome, sem língua  
São bantos, malês, yorubás  
homens e mulheres  
Vivos pelo toque do pé no chão.

## LEONTINO FILHO

*Natural de Aracati/CE, é professor de Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa na Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte, no campus avançado de Pau dos Ferros. Tem alguns trabalhos publicados e colabora, esporadicamente, com diversos alternativos brasileiros.*

### CORPO EM CONTRADANÇA

*Soy protesta y arañó el infinito con mis garras  
Y grito y gimo con miserables gritos oceánicos  
El eco de mi voz hace tronar el caos.*

Vicente Huidobro

#### I

Tirem-me as cores deste tempo  
gestos presos  
escrita trêmula no recanto da memória.  
Deixem-me falar dos caminhos distantes  
de cada gota de suor  
que escorre.  
Nossa terra, história feita nos lábios  
brilho aprisionado pela gravidez da espera.

O progresso que vem  
os rios assassinados  
as matas derrubadas  
séculos que pisam  
sonhos, tantas vezes, adiados.

A promessa da terra e o negrume do ódio.

Terra-cárcere  
palmatória dos homens  
chove, a desesperança dos escritos.  
Aqui, o destino não é a felicidade.

— A luta diária, a exploração impiedosa  
lágrimas pelo amor impossível  
deserto desfeito, peito que explode  
a nossa raiva, a madrugada fecunda  
opressão varrida, extinta vontade.

## II

Vítimas, de sangue e fogo  
perdidas no silêncio da multidão  
qualquer instante é solidão

desmembrados irmãos suportando a pesada carga  
da indiferença. todo grito — fugaz delírio

Plena é a vastidão deste chão que nos desterra  
Pleno é o começo desta hora que nos suporta  
Todos os cantos repetem o mesmo refrão  
— Hino intocável aberto  
sob os nossos pés.

A vida é  
a transparência do combate  
o coração que tece mil desejos  
a canção negando o brilho cego do poder.





## NILTO MACIEL

*Publicou recentemente As Insolentes Patas do Cão (contos) e O Cabra que Virou Bode (romance picaresco). Estreou em 1974 com Itinerário (contos), reeditado em 1990.*

*Seguiram-se Tempos de Mula Preta (contos), A Guerra da Donzela (novela), Punhalzinho Cravado de Ódio (contos), Estaca Zero (romance) e Os Guerreiros de Monte-Mor (romance).*

*Dentre os inéditos, o romance A Última Noite de Helena foi classificado em 1o. lugar no Prêmio Brasília de Literatura, na categoria, em 1990. Nenhuma editora se interessou por sua publicação.*

## PROGRESSO

Meu pai pastorava  
os rebanhos de um coronel.  
Dizem que morreu em paz  
e subiu aos céus.

Eu vigio os carros da burguesia  
pequena, média e grande.  
Tenho fé em Deus  
que tudo vai ser igual.

## COM OS PÉS NO CHÃO

José vagava de construção  
em construção,  
assobiando canções  
de todo tipo.  
As vezes até voava  
de andaime a andaime,  
feito um anjo feliz.  
Embevecidos, riam todos,  
do engenheiro ao mestre de obras,  
e até o dono daquilo tudo.  
Um dia José inventou de escorregar  
e ir ao chão.  
Desde então  
ninguém mais riu  
de sua cabeça torta,  
pendendo para a esquerda.  
Hoje ele faz piquetes  
e grita bem alto  
— operários de todo o mundo,  
uní-vos!

## COMÉDIA DE COSTUMES

Bonifrate de mãos calosas,  
não participo do pagode  
que longe da bigorna  
os pantomimeiros produzem.

Bufão de lábios partidos,  
não danço na folia  
que molhados de vinho  
os palhaços fomentam.

Espectador de olhos abertos,  
não me divirto na farsa  
que em cima do palco  
os patuscos praticam.

Momo de corpo lavado,  
não me emporcalho na farra  
que nas horas sem termo  
os festeiros preparam.

Boneco de bolsos furados,  
não caio na truanice  
que por estas bandas  
os chocarreiros cometem.

Testemunha de costas cansadas,  
não me envolvo na pantomima  
que do outro lado do vidro  
os pagodistas programam.

Pachola de cofres-fortes,  
não entro na palhaçada  
que por detrás das insígnias  
os foliões promovem.

Saltilbanco de horas contadas,  
não me intrometo na patuscada  
que por toda parte  
os farsantes maquinam.

Burlesco de rosário longo,  
não me introduzo na festança  
que debaixo da cruz  
os pândegos arranjam.

Bufão de crenças exóticas,  
não me imiscuo na chocarrice  
que sob a benção dos deuses  
os truões concebem.

## TRABUCO

Essa palavra é feia  
nos ossos estilhaçados  
que o tempo roeu.

Essa palavra leia  
nos escritos coloniais  
de padres e escrivães.

Essa palavra é teia  
nos meus olhos amargados  
de tanto vê-la e perdê-la.

Essa palavra é dura  
feito achas de pau-brasil  
nos ombros de meus avós.

Essa palavra cura  
o sono dos iludidos,  
bem-aventurados e vivos.

Essa palavra é pura  
no vocabulário dos leigos  
leitores de hipocrisias.

Essa palavra dói  
na ponta de meus lábios  
inchados e costurados.

Essa palavra rói  
feito ácido na carne  
torturada e estraçalhada.

Essa palavra sói  
figurar no dicionário  
da morte e do mais forte.

Essa palavra queima  
feito tição de fogueira  
debaixo da sola dos pés.

Essa palavra teima  
em verrumar meus ouvidos  
com seu estrondo constante.

Essa palavra é reima  
que não se trata  
com meizinha ou bruxaria.

Essa palavra rouca  
ressoa debaixo do chão  
feito tiro de canhão.

Essa palavra louca  
me trancafia a alma  
nos corredores da dor.

Essa palavra pouca  
retumba em meu coração  
feito pancada de cão.

Essa palavra à-toa  
percorre minha ilusão  
e a mata de inanição.

Essa palavra soa  
feito vôo desesperado  
no espaço da escuridão.

Essa palavra é loa  
no canto dos assassinos  
de meu irmão de nação.

Essa palavra boa  
viaja em minha oração  
de vingança nativa.

Essa palavra reboa  
nas tumbas escurecidas  
e grita sua nova versão.

Essa palavra inda fura  
meu peito de desespero  
na hora de decliná-la.

Essa palavra, irmãos,  
é arma de morte  
com que hei de me viver.

## EPIGRAMAS

O poeta morreu de fome.  
O editor, comovido,  
gravou seu nome  
na lápide.

Viva o padre, viva o bispo,  
viva o abade, viva o cura,  
cardeal e arcebispo  
— morra o povo que os atura.

Neste dia da criança,  
como em todo santo dia,  
já morreram mil meninos.  
Continua a hipocrisia.

Volta o Papa ao território  
do católico Brasil.  
Vem benzer nossa miséria,  
nosso verde, nosso anil.

É poibido viver de rendas.  
Coitadinha da rendeira.  
E sua vendas?

Não adianta descer pelas paredes,  
se há guardas acordados  
em mil redes.



O pastor daquela Igreja  
ficou rico de repente  
e agora já lê a Bíblia  
até em inglês fluente.

Querem ressuscitar estarostes  
na Rússia e na Polônia.  
E os postes?

Matam frango, vaca, porco,  
e outros seres animados,  
depois rezam a seus deuses,  
dormem todos sossegados.

O presidente Fernando  
pensa passar à História  
correndo, pulando, dando  
cambalhotas pra escória.

Meu adeus a Prestes é assim:  
uma dor na coluna  
e em mim.

## HOMENAGEM A MOLOISE

Jamais, jamais me enforcará a forca  
— morreu o carrasco faz eterno tempo,  
antes de a forca inventarem, antes,  
e morreu só, sem companheira e filhos,  
como nasceu, amarelinho, branco,  
ou mesmo preto, ou indefinida cor,  
rico porém, como nasceu e foi,  
no entanto besta, simplesmente besta,  
e bosta e Botha, como ao mundo veio.

## DUENDE

*Para Moloise*

Nenhum punhal traiçoeiro  
me assassina,  
nenhum veneno letal  
me envenena,  
nenhuma vil vilania  
me envilece.

Nada me mata, nem deus,  
nem matador por dever,  
e viverei sobre as forças,  
todos fuzis, vilanias,  
armas, traições inimigas.

Feito um duende, estarei  
eternamente a lutar  
por minha humana feição,  
mesmo sofrido e africano.

## AMANHANÇA

Como será nosso amanhã, criança?  
O meu, o teu, da vizinhança?  
Talvez verde-esperança,  
talvez branco-matança,  
talvez negro  
— black-power —  
soco na cara do branco.  
Talvez amarelinho-da-silva,  
brasileirinho,  
latino-americano.  
Ou será vermelho-festança  
ou pura lembrança  
de ontem e hoje?

Como será nosso amanhã, criança?  
Amanhança?

### CANTIGA DE NINAR

O grito que te varou os ouvidos  
te derrubou feito uma rês  
na hora de escapulir  
— para o fundo do quintal?

O pontapé que te abateu  
fez saltar fora a palavra  
que escondias na algibeira  
— para a mãe ou a professora?

Agora a cela escancara a boca  
como se quisesse te engolir  
feito o papão em que não mais crês  
— o mundo a que te cuspiram?

## ALIENAÇÃO

É preciso não ver a cama  
da prostituta que ama  
para sobreviver.

É preciso não ver o riso  
do marido que dorme  
para sobreviver.

É preciso não ver a cara  
do bêbado que se embriaga  
para sobreviver.

É preciso não ver a fala  
do professor que cala  
para sobreviver.

É preciso não ver o poema  
do poeta que escreve  
para sobreviver.

É preciso não ver a prisão  
do ladrão que rouba  
para sobreviver.

É preciso não ver a rua  
do pobre que mendiga  
para sobreviver.

É preciso não ver o corre-corre  
do animal que foge  
para sobreviver.

É preciso não ver o concreto  
do mundo que se constrói  
para sobreviver.

É preciso não ver a lâmina  
do suicida que corta os pulsos  
para não mais viver.

Não é preciso  
que meu desenho geométrico  
seja cópia  
da sombra do balé dos aviões.

Não é preciso  
que meus poemas sejam ecos  
dos lamentos dos que morrem  
prematuramente.

Não é preciso  
que minha música seja imitação  
da zoada mecânica do mundo  
ou a caricatura da realidade.

## CATECISMO

Virar mundo feito vaqueiro  
montado no cavalo do cão  
à cata da rês tresmalhada.

Meter-se por terras estranhas  
perder um olho no espinho  
alheio a leis e tocaias.

E no meio da caatinga  
laçar o apadrinhado boi  
e agüentar o repuxo.

ConduzÍ-lo ao curral  
como se conduz um cativo  
vitorioso e ferido.

Mas repetir todo dia  
essa luta de vaqueiro e boi  
para que a poesia  
tenha esse gosto de sangue  
e esse ar de epopéia.

## PROF-ÉTICA

O poema é um punhal  
que brilhará na carne  
dos condes

cendentes.

Seus reflexos parirão  
estrelas  
que habitarão o céu.  
Marinas cintilarão  
como ametistas  
nas bocas dos desvalidos.  
Imensas pérolas de enfeite  
da grande festa  
anunciada.

Nas ruas novamente  
habitadas por benjamins,  
sorrisos, brisas  
nos dentes de marfim,  
onde se inscreverão  
os versos dos decapitados.



## VANGUARDISMO

Minha função principal  
é tombar cercas e muros,  
a cerca semi-feudal,  
o muro e seus futuros.

É espantar os mil bois  
da fazenda do barão  
e a vaca da baronesa  
que rumina, mina, mina.

É quebrar daqueles dois  
a canela e o bastão,  
daquela dupla coesa  
que em sentinela se fina.

Casa-grande desfazer  
e me acoitar na senzala.  
O inimigo receber  
a peixeirada e a bala.

Queimar o canavial  
do latifúndio sem fim,  
a palha industrial,  
a pinga e o alfenim.

É correr atrás do rapa  
que persegue o camelô,  
riscar inteiro do mapa  
o mercantil borderô.

É chamar o brigadeiro  
para um duelo de cão  
e afugentar o romeiro  
do Padre Ciço Romão.

É vender gato por lebre  
ao ministro dos franceses,  
é chupar manga com febre  
no banquete dos ingleses.

É pisar no véu da noiva  
na hora do casamento,  
cortar a golpe de goiva  
a banana do sargento.

Cuspir no prato onde como  
no jantar do meu patrão,  
e mostrar como é que domo  
a fera do capitão.

É tocar piano em samba  
e cuíca na sinfônica,  
é dançar com pé de zamba  
na festa da filarmônica.

É desvendar o mistério  
da santíssima trindade,  
tirar da cama da grade  
o sonho do adúltero.

É beber da virgem sangue  
na noite de São João,  
buscar no fundo do manguê  
o siri da refeição.

É combater este mofo  
que sobe pela parede,  
repartir o bolo fofo  
deitado na branca rede.

Tirar o cetro do rei  
e fundí-lo num espetão,  
e cravá-lo como eu sei  
no peito de Deus, do cão.

## RENATA PALLOTTINI

*Nascida em São Paulo, capital, em 1931, é uma das mais conhecidas e conceituadas poetisas do Brasil.*

*Publicou diversos livros. O primeiro foi Acalanto, em 1952. É também teatróloga, novelista, contista e ensaísta.*

### CANTAR MEU POVO

*Para a Ana Luisa*

Cantar meu povo é como  
aplacar as feridas de um cachorro  
cachorro que sou eu,  
que é ele  
somos  
duramente feridos  
na carne e no espírito.

Cantar meu povo é cantar o contraste  
entre meu povo e eu, as duas aspás.  
Ele gosta como eu de bola e cama.  
Eu, porém, acidente de nascença,  
vejo televisão colorida e descanso.  
Ele pasta e se coça.

Cantar meu povo  
é amá-lo e tentar não sentir culpa  
porque de culpas nunca saem cantos  
nem trabalhos devidos  
ao meu povo.

Cantá-lo não é só cantar, opus diário,  
mas defender seu campo na garganta  
e botar pra quebrar o que está bambo.

Cuidando  
pra que não venha junto o osso  
o pranto  
que meu povo derrama  
nos seus dias de drama:  
o dia de morrer o filho, o dia  
em que não casam os casos da novela  
o dia em que não basta  
a fome para o gasto.

Cantar meu povo é como  
afagar na carteira a última nota  
que se vai com a brisa  
promissória.

Cantar meu povo é tentar entendê-lo  
porque ele fala torto e cheira e está errado.  
Estar errado é franquia do povo  
porque acertar fadiga e ninguém é de ferro.

Cantar meu povo é não chorar quando ele morre,  
também não maldizer as águas de uma enchente  
o fogo de um incêndio  
ou de uma febre  
porque água e fogo em si não são agentes  
da morte, a que é comprada em transações de gente.

O Povo: essas pessoas que não sabem  
o que eu penso que sei que é saber.  
O meu povo  
que eu desentendo e tento interpretar.

O povo que anda a pé; que come pouco;  
que dorme mal; que mora longe  
e dorme pouco e mora mal  
e anda longe e dorme em pé  
e vive pouco. E morre louco.  
O povo.

Cantá-lo é descobrir seu lado negro e sonso  
coçar sua cabeça se ele dorme  
entender os seus grilos  
se ele canta.

Cantar não é contrário a fazer; ao contrário,  
cantar é mais fazer, porque descobre  
de sob o cobertor da fala  
o lado podre  
do discurso balofo do mais forte.

Cantar o povo, o meu povo: decote  
rasgado à faca na garganta de quem canta  
com uma fita vermelha — amor — por laçarote.

## RUBERVAM DU NASCIMENTO

*Trinta e sete anos. Maranhense da Ilha de Upaon-Açu. Cidadão teresinense, por conta própria, desde 1972.*

*Nome atuante no movimento alternativo brasileiro, participou de várias coletâneas, como: Ó de Casa (contos, 1977), Aviso Prévio (poesias, 1978), Galopando (poesias, 1979), O Rio (antologia de poetas piauienses, 1980), Ponta de Lança na Praça (poesias, 1980), Piauí: Terra, História e Literatura (contos, 1987).*

*Tem um livro individual: A Profissão dos Peixes, de 1987.*

*Fez um espetáculo de poesia, cor, som e emoção chamado COR-po-a-CORpo, com dezoito apresentações pelo Brasil.*

### HOMEM

Os lírios deliram  
minha flor?  
nem fiam.  
veja na bíblia.  
posta à mesa café e conversa  
todos se vestem  
divertem-se com as sobras dos pratos  
e eu, lírio.

## REGISTRO

*J'y suivais un serpent que venait de me mordre.*  
Paul Valéry

### I

sou maranhensemente do piauí por conta própria

maranhense gularmente falando  
nascido entre ostras e ossos  
entre mijos e bostas

em mares de grandes peixes  
e caldeirões de nada

cheguei em um fevereiro sem carnaval pra mim

no ano em que torquato fugia de vez  
e faustino voava no ar de algumas horas

por causa de mim e do vento faustino  
a poesia campeia um mundo fechado  
de signos sim não sim  
que se abre à medida que se sabe  
equilibrar o tempo  
nas linhas da própria mão



sou daqui como esse rio que corre por aqui  
como esse trilho que me trouxe até aqui  
depois do rio rosário e rosa lia  
como um amor que a gente ama e come  
como se fosse trilha pra um outro amor

movo a palavra novo  
pronuncio  
    cio  
    nu  
    num  
        cio

não morro aqui

2

ofícios e engrenagens chocam

se param as fábricas o relógio de ponto  
se param as repartições os serviços públicos

se param ônibus oficinas mecânicas

se param usinas apitos e gritos

até os hotéis funcionam parcialmente  
ao sabor de hóspedes urgentes

(a fome acumulada na precisão dos pratos  
separa o mais forte  
dos que não se preparam)

param homens e mulheres param  
só não param as máquinas.

3

o ônibus da empresa entracol  
esmaga um ancião  
sob os olhares de uma multidão lentamente apressada

ninguém acompanha o velho pra qualquer lugar  
fitam apenas dois rios de sangue  
o que cobre a pista  
e os seus olhares

também não adianta  
adianta um senhor tragicamente exposto  
ao copo de bolo e café

diz um outro em especial posição  
não precisa ele já está morto

pra que levá-lo à força  
de seu caixão de asfalto?

pra que embrulhá-lo  
na roupa de nossa roupa?

é somente um velho  
que tentou atravessar a rua  
pra não morrer em sua própria casa.

4.

ah eu vi um menino eu vi

rosto não tinha mas era um menino  
corpo não tinha mas era um menino

nada que escrevesse nele a palavra menino  
mas era um menino

desses que a fome come  
em lento desespero

5

daqui te vejo na praça  
lendo uma revista sem graça

tens n (u) s olhos, horas  
talvez escolha  
a cor como demora

salto entre espelhos

rosto confere rosto  
caminhos, ninhos, seios

afio mais uma vez a palavra

corro para um porto  
não encontro

brisa move o navio

lenta navegação pelo tempo.

## PASSANDO A LIMPO

a fúria dos amonitas  
foi roída pelos ratos dos sobrados

astarote não passa de uma deusa  
mastigada pelo silêncio de seus possuidores

os seios de moloque são moles  
não satisfazem strip-tease

um poeta assistiu a ruína dos moabitas  
e escreveu que o tempo corta as viagens  
dos que não decoram a herança da terra

## SÔNIA CAROLINA

*Mineira de Uberaba, radicada em Brasília há 14 anos, é artista plástica e poetisa, tendo publicado seu primeiro livro de poemas – Falando de Amor – em 1990.*

*Tem poesias e ilustrações publicadas em jornais, revistas e livros. É colaboradora da revista Ponto Literário, do Sindicato dos Bancários de Brasília.*

*Ilustrou o livro de poemas Último, do poeta Paulo Palmério Queiroz.*

### ECOS DO MUNDO

E eu senti  
a dor do mundo  
no olhar faminto  
das crianças  
à margem do caminho  
orlado de fome  
à sombra da vida...  
E eu ouvi o grito  
premature da semente  
na cova escura  
adivinhandando a poda  
indiscriminada,  
a terra ressequida  
triste e desvalida,  
a flor dizimada  
o fruto perdido...

E eu senti  
no soluçar da fonte  
as lágrimas do mundo  
manchadas  
pelo sangue erotizado  
daqueles que clamam  
por justiça...  
E eu vi a vida  
seguir indiferente  
no clamor insaciável  
da fome  
de amor  
de pão  
e de paz  
na voragem indecifrável  
da certeza, mensagem correta  
herança maldita  
que a dose da droga  
não esqueceu de deixar.



## VEM VER A VIDA

Menina  
olha a cor  
olha o verde  
olha o céu  
que se debruça  
entre o verde e o azul  
emoldurando o matagal  
onde os pássaros  
cochicham estórias  
do amanhecer ...  
Menina ...  
olha a vida que se esvai  
mansa e triste  
como a água do regato  
com saudade  
de ser rio ...  
Menina ...  
olha o flamboyant  
em flor e,  
vem sentir  
a aragem  
fresca e perfumada  
que vem do canavial  
florido ...

Menina ...  
vem ouvir  
o borbulhar da fonte  
sentindo  
o cio dos peixes  
no cio das águas  
querendo viver ...  
Menina ...  
olha enquanto  
há tempo  
enquanto há vida.  
Fixa a primavera!  
Dê um close no verão!  
Guarda contigo  
o sol  
a vida  
e a luz  
enquanto é festa  
enquanto é vida!

## SÔNIA CINTRA

*Paulista de Amparo, 42 anos, formou-se em Letras pela PUC-Campinas, onde lecionou Literatura Portuguesa e Dialetologia nos anos 70. Foi orientanda de pós-graduação do Prof. Dr. Massaud Moisés na USP. Em 1989, participou do 1o. Congresso de Escritores de Língua Portuguesa, em Portugal. Colaborou, durante dois anos, com o suplemento semanal Estilo e com a revista Baependy, de Jundiaí-SP. Tem poemas publicados no Jornal de Letras de Lisboa e em várias coletâneas.*

### MANIFESTO

Gostaria de ser  
dessas mulheres  
que ficam no térreo  
com seus bebês  
contando gracejos  
legumes varejo  
ferros elétricos  
e aspiradores de pó  
Como elas riem

Ou quem sabe  
dinâmica  
como as que andam  
de carro pra baixo  
de saldo pra cima  
com bravos filhotes  
entre holofotes  
e fusos horários  
Como elas correm

E aquelas então  
que andam erguidas  
em suas conversas  
executivas  
as bocas tão vivas  
as pernas tão lindas  
e cruzam pra cá  
digitam pra lá  
Como elas mandam

Ah! de espartilho  
que dormem martírios  
e raíam a noite  
brilhando magias  
na imaginação  
têm sempre a mão fria  
das menininhas  
e olhares rendidos  
Como elas dão

Gostaria de ser  
dessas mulheres  
que ligam novelas  
no fim da tarde  
e pensam na sopa  
do logo mais  
e viram donzelas  
e douram cebolas  
e choram com elas

Ou quem sabe  
as do esporte  
tão bem dispostas  
sem medo da vida  
sem dores nas costas  
em suas carreiras  
viram estrela  
passam cometa  
Como elas vão

Quem dera eu ser  
as componesas  
plantada no chão  
de meias grosseiras  
e ancas de aveia  
com olhos de foice  
e cheiro de terra  
amanhecida  
Como são belas

E ter a fibra  
das operárias  
matrizes  
em porta de fábrica  
gritando colméias  
com peitos arfados  
e crias famintas  
de pé no chão  
Como são livres

Gostaria de ser  
aquelas senhoras  
tão preciosas  
que pintam eventos  
e bordam convênios  
em tantas horas  
silenciosas  
oram pro nobis  
Como são nobres

Ou talvez lavadeira  
de braços largos  
e palmas cheias  
de tanto anil  
sonham azul  
e estendem fios  
pelo arame  
de suas saias  
Como são cândidas

Ah! funcionárias  
de alto padrão  
e fino contrato  
entre clientes  
tão sorridentes  
simile flores  
eficientes  
pelos carpetes  
Como são fax

Gostaria de ser  
dessas mulheres  
perfeitas no teto  
de seus futuros  
debaixo da ponte  
de seus suspiros  
por trás dos óculos  
da miopia  
Como elas vivem

Quem dera eu ser  
um trevo  
de treze folhas  
Ah! Lua Nova  
das minhas janelas  
que amor infinito  
tão desconhecido  
vem pra beijar  
Como é bonito.

REVISTA LITERATURA  
SQS 307 - BLOCO F - APARTAMENTO 501  
70.363 - BRASÍLIA - DF

**Endereço para correspondência:**  
***A/C Revista Literatura***  
**SQS 310 - Bloco F - Apartamento 501**  
**70363 - Brasília - DF**